



Cont. da PRIMEIRA página

a ganhar mais uns escudos, por ter ficado efectiva, pensei em compartilhá-los com o Calvário e prometi enviar 50\$00 todos os meses».

Manuela, de Lisboa, vem com dois mil escudos em acção de graças pelo êxito dum concurso. Era tão natural que a alegria da posse do que aspirava lhe fizesse esquecer tudo o mais!, mas não. E aqui estão os Pobres a compartilhar a alegria também. E a presença da Manuela continua mensal com uma nota de cem.

Está presente igualmente a mãe de sete filhos. É pelo bem do seu lar. Agora, é uma viúva com seu óbulo. E onde está o óbulo de qualquer viúva aí está Cristo por detrás a regalar-se com a grandeza do gesto. E é também para compartilharmos a alegria do Mestre, que ansiamos por donativos de Pobres, que dão tantas vezes do que lhes faz falta.

«Humilde portuense» com 100\$ todos os meses mais um «é pela obra que tanto amo». «Portuense qualquer» não pode faltar também: marcaríamos falta mensal. O avô continua a contar os meses do seu querido neto. Este senhor vem, chega, entrega todos os meses quantia certa e vai sem dizer quem é. Ainda não fomos indiscretos. Vamos a ver se somos capazes de não ser.

O senhor José Maria vem desta vez com dois mil escudos para abrir a procissão dos colchões de espuma de borracha. Precávamos de uns 20 ou 30, mas ainda só temos um. M. Helena, de Coimbra, com 100\$00 «pela protecção que Deus tem dado ao meu lar e trabalho». Outra M. Helena, da Parede, com 500\$00. Amiga do Porto com dois mil. Mais outro senhor do Porto com outros dois mil. O dono de uma fábrica de S. Mamede de Infesta com cinco mil. E mais outro senhor com 500\$00.

Senhora de Lisboa com 100\$00 para a casa nova e outro tanto para o Campo Santo. Foi esta a primeira pedra. E a segunda veio do Porto: é de dez mil escudos. Uma Maria (ele há tantas!) com 5\$00 mensais.

Agora é enxurrada de gente. Todos a escaudar. António com 50\$00. Alguém com 500\$00. Firmínio com 20\$00. Mãe com 10\$. Assinante de Rio Tinto com 100\$. Maria Amélia Beatriz a pedir orações. Anónima da rua das Papoilas com 50\$00. M. C. com 200\$00. Margarida com outro tanto. Amiga com metade. Antó-

nio com outro tanto. F. Guimarães com 20\$00. Guilhermina mais o noivo com 50\$00: «pelas nossas intenções». Mais assinantes. Este com 500\$00, aquele com 50\$00, e ainda outro com 100\$. Luiza com «gota de água no oceano das necessidades dos Pobres». M. Helena de Brunhoso com outra gota de água. Zé Ninguém com 50\$00. Capitão, da capital, com 40\$. Mais alguém com 500\$00: «das minhas economias, para suavizar a Páscoa dos doentes». Reformado com 40\$. Doente com 100\$. Augusta com 200\$00 e M. Caldeira com 50\$00. Pecador com 60\$00 Professora do Porto com 500\$00. Senhora de Paço de Sousa com 200\$00. Heleza com 20\$00. E visitantes com várias parcelas.

Lídia, do Banco de Portugal, não faltu em cada mês. Lucinda também não. Pecadora que de Deus espera protecção vem com 50\$00. Pároco do Porto com 200\$00, outro sacerdote com 50\$00. Com a mesma quantia está aqui Georgina. Casal do Porto com mil escudos. Lucilia, de Lisboa com 500\$00. Irene com outro tanto. Família que «precisa auxílio do céu», está com 50\$00. Cecília com o dobro. Antonieta com 100\$ e a constante estima de sempre. Mais Lisboa. M. do Resgate com 500\$00. João com outros 500\$00. Sacerdote com 200\$00. M. Elvira com 100\$00 e roupa. Muitos amigos pela Páscoa não esqueceram a dos doentes. Empresa Fabril do Norte respondeu-nos com linhas. Elaine com 360\$00. Lopes com 50\$. «Portuense qualquer» torna e há-de tornar sempre, que o amor, que enraíza em Cristo, não deixa parar mais.

No Montepio de Lisboa houve muitas presenças. Ass. 33503 com 350\$00. Anónimo 2.000\$00. Pecador com 300\$00. Portuense

com 240\$00. Funcionários do Banco de Portugal com 400\$00. Duarte com 50\$00. M. V. C. com 20\$00. Anónimos com parcelas variadas.

Promessas, de 100\$00 «para não voltar a fumar», de 500\$00, e de 20\$00. Para sufrágio, 200\$ 50\$00, 20\$00, 50\$00 «em memória de minha mãe». Um voto de Ermezinde. Pela mãe, 50\$00. Cobertores «para celebrar as bodas de ouro do nosso casamento». Esta mãe vem com 50\$00 e «que Deus encaminhe sempre os meus filhos por bom caminho». Por alma do Senhor Dr. José Aroso 500\$00. Ele veio aqui mostrar o Calvário a tantos! A tantos soube comunicar a paixão pelos outros! «Para que se lembre, no memento da missa, de Eleutério e de Cristina aí vão 500\$00 guardados há tempos». Camisola feita por criança de 8 anos. Donativos de 850\$00, de 400\$00, de 50\$00 e de 250\$00. Oferta! Estão aqui mil escudos «com pena de não poder enviar mais». E esta pena vale muito mais, do que aqueles. Mais 50\$ para os incuráveis. Roupa do Monte Estoril e de Lisboa.

Da Av. João XXI, 500\$. De Fátima, 100\$00. Outro tanto de Coimbra, de Chaves, de Gaia, de Moscaide, e da Batalha. De Massarelos, de Mondrões, de Envendos, de Espinho, de M. O. 50\$00. De Lisboa mil, 500\$00, 100\$00 e 50\$00, mais 30\$. Do Luso, 500 angolures. Que pena o câmbio! No Lar do Porto 200\$ por três vezes. E reformado com 20\$00. De Braga 40\$00 mais 20\$00. No Espelho da Moda 550\$00. Do Barreiro 100\$00 «mandados com muito amor». De Foz Coa 450\$00. De Espinho muitas mãos cheias. Em dia de aflição familiar amigo do Porto com 300\$00. Outras vezes é em dia de aflição comercial. Sabe confiar. Na capela do Calvário mil e tantos escudos. De Palhaça 250\$00. De P. de Ferreira 150\$00 e da Beira (Moçambique) um óbulo.

De Lisboa veio um «empurrão» de dois mil. E do Diário Popular da mesma cidade, em campanha feita em prol dos doentes 14.745\$00.

Eis o que nos têm dado. Eis do que nós vivemos. Não temos mais fontes. Nem por elas suspiramos.

Padre Baptista

Cantinho de MALANJE

Por
Fernando
Dias

Há dias os dois trabalhadores que andavam na limpeza da lagoa vieram dizer que tinham frio. Para nós o tempo estava bom. Para eles, naturais desta Província, à entrada no eacimbo torna-se o tempo frio. Eles estavam a tremer. Claro que não continuaram naquele serviço. Foram ajudar outros que estavam a tratar do bananal. Lá por lhes estarmos a pagar a geira devida não os podíamos sacrificar. Nós, no seu lugar, também ficaríamos radiantes perante a compreensão.

Presenciei que todos os rapazes que estavam presentes ficaram contentes quando o Sr. Padre mandou os dois homens para junto dos outros.

Ora nós viemos, principalmente como missionários, já que a nossa Obra existe para a dilatação do Reino Celestial.

Mas nós, não sabemos pregar, não sabemos discursar e muito menos sabemos discutir. Então como esperamos ser evangelizadores? Como?! Muito simplesmente. Procuramos cumprir o nosso dever quotidiano de cristãos e trabalhar lado a lado. O exemplo é força que arrasta.

Ó! se todos compreendessemos que «colonizar já há muito deixou de ser obra do mais forte, mas sim obra de amor e inteligência»? De contrário estamos a perder tempo. Amando-nos é que faremos com que a Nação seja realmente a Pátria de todos os que nela nasceram.

E se somos um Povo de missionários, segundo dizemos a todo o mundo, é bom que todos o reconheçamos e con-

cretizemos em actos. Mas, para trabalharmos todos juntos para o bem comum, é bom que certas pessoas de vistas curtas não falem tanto à deriva dos sacerdotes que muito têm trabalhado para elevar este nosso povo. Não é humano ouvir certas pessoas dizerem o que dizem dos missionários e quando o dizem aos nossos pequenos na venda do jornal, é ainda mais desumano. Que bom seria que o Povo compreendesse que os mais pequenos ao vender o jornal não andam a pedir, como o mendigo que vai de porta em porta, mas sim a trabalhar. O jornal «O Gaiato» é suor do nosso rosto.

Naquele tempo os colonos viviam a par com os missionários; hoje não.

Já que nos intitulamos um Povo missionário, em vez de atacarmos os mesmos, estimulamos estas vocações e meditamos na penúria actual das mesmas! Que bom seria que ninguém tivesse horror de incutir a missionação até nos seus próprios filhos. Pois é uma obra — como já disse — que o Povo tanto enaltece e de que a Nação tanto necessita.

Mas ele há muitas e muitas pessoas desta cidade que compreendem a razão da nossa Obra. E por isso compensam-nos com o seu amor e carinho. E desta maneira temos sido visitados com frequência. Sei que a nossa fazenda se está a tornar um pouquinho turística, mas não é só por isto que os nossos amigos nos procuram. Eles vão-nos compreendendo

Continua na TERCEIRA página

Barredo

Cont. da PRIMEIRA página

po da cadeia. É num quarto interior onde são já três filhos. Uma pequenita atrofiada não anda nem fala. É um quarto sem luz onde outros bebés têm perdido a vista. Olhos sem luz, corpos sem alma, quantas vezes só o homem animal ali ve-

geta. Quem ali vai mais facilmente se perturba, que quem ali vive. É normal aquele viver ou aquele morrer. Trata-se de sanear e melhorar as condições de habitação daquela gente. As Autoridades manifestam interesse e procuram solução. Os Pobres sabem-no e ficam muito contentes. E por via desse interesse encontrei em dois prédios as escadas pintadas de fresco. Trago a batina suja de tinta, que contrastava arrelhadoramente com o negrume das escadas por onde a centena de pessoas do prédio passa milhares de vezes ao

dia. «Foi a senhoria. Veio cá o Sr. Presidente da Câmara e ela anda a pintar a casa. Mas é só na escada. Por dentro continua tudo na mesma. Temos de lhe pagar se quisermos cair o quarto». — Olhe lá e se tiverem dinheiro para a cal não podem cair? — Não podemos. A gente não pode mexer em nada.

E então soube que a própria cama de pau ou ferro e mesa para cozinhar, que mais nada lá cabe, pertencem à senhoria. Até mesmo soube que uma pobre mãe de três filhos tinha rece-

bido uma cama para os arrumar ou substituir a outra que está desconjuntada e ao pedir a necessária licença lhe foi dito: «se queres armar a tua cama arma-a na rua».

Não há nada nem ninguém que obrigue a fazer melhoramentos radicais nos prédios, nem há fiscalização suficiente para o estado de sanidade dos mesmos? Não há quem proteja mais o pobre ser humano que ali habita que o lucro repugnante de quem é dono? É que a gente sobe e desce escadas; ouve e mastiga amarguras. E retira-se dali tão cansado e acabrunhado que não sente forças para voltar. Mas os Pobres chamam e o remédio é ir, pois sabemos bem que vamos aliviar injustiças.



Cont. da PRIMEIRA página

Mas até será uma defesa que Deus nos faz. Senão, éramos capazes de perder o pé às Casas do Gaiato que são n.º 1 no nosso dever de estado.

Por isso eu creio que o causal do regato será função do débito pedido: O que nos vem

à mão em cada ano é o que nos tem sido pedido no mesmo período — pão de cada dia.

* * *

Como nos mais anos a conta desenvolve-se em duas rubricas: Património propriamente dito, isto é, casas que são propriedade da paróquia, entregues em usufruto gratuito aos seus membros indigentes; e aquela modalidade dos «Pequenos Auxílios», que colhe o seu nome da real pequenez do seu auxílio, que, a título da telha, vai ser o chamariz da obra até àquele ponto e depois o coroamento da mesma.

Cada vez mais me encanta a economia desta modalidade, modesta, humilde, como o seu nome indicia, mas eficaz em enriquecimento humano, do qual a realidade da casa é apenas um monumento a atestar.

Fazer homens; levantar famílias; amar os irmãos e revelar-lhes a sublimidade do amor fraterno; fomentar a solidariedade que é gratidão sem servilismo; alimentar a Fé e a Esperança dos caídos; re-habitua-los a olhar para o Céu — que outro objectivo mais adequado pode ter a Igreja quando se debruça sobre as carências materiais dos seus filhos?!

Por isso, sempre que a oportunidade surge, eu alvitro aos Párocos com quem contacto que façam casas do Património até às «tantas quantas» sim, mas também só até às necessárias aos verdadeiros casos de indigência das suas freguesias. E depois, que preguem e facilitem e ajudem, com o prestígio da sua autoridade e com a solicitude da sua paternidade, aqueles que ainda podem fazer algo por si mesmos, a que se levantem dos lugares em que jazem para moradas de vivos.

Não sei se por verificar que esta nossa propaganda tem razão de ser, se porquê, este ano, pela primeira vez, os «Pequenos Auxílios» passaram à frente da verba do Património e passaram-no igualmente em relação à mesma rubrica nos anos anteriores.

Temos assim, números redondos:

	Peq. Auxílios	Património	Total
1961	403	584	987
1962	210	431	641
1963	448	355	803

Em 1961 contámos ainda, e pela última vez, com a contribuição do Ministério das Obras Públicas. Em 62 e 63 o que veio foi somente da Nação, a qual, se por definição se não distinguisse do Estado, aqui se distinguiria in re.

Se aqueles trezentos continhos tão jeitosos, tão rendosos, continuassem a aparecer a bem da Nação, o total, à roda dos mil contos anuais até 61, seria este ano ultrapassado. O povo, como se vê, tem sido constante na presença e até na medida da presença.

Pelas nossas contas, que não têm rigores de altas matemáticas, nem tão pouco os artificios dos altos contabilistas, aqueles números, para nós abstractos quando expressos em contos, concretizam-se em grandezas humanas, da seguinte forma, em 177 paróquias do nosso Portugal:

Património: 355 contos à razão de 5 c/ casa = mais 71 Famílias indigentes abrangidas.

P. Auxílios: 448 à razão de 1,5 / caso = 298 Famílias pobres menos proletárias.

Temos ou não de que dar graças a Deus?

Temos ou não motivos para esperar e para prosseguir?

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

«Há dias fui a Culamuxito, ver a Casa do Gaiato. Fiquei surpreendido que em tão poucos meses, tivessem feito tanto! Terrenos já desbravados e semeados, sendo um grande campo de feijão, hortas onde já colhem para seu consumo, arruamentos feitos em redor duma bela lagoa que ali está perto, que dá gosto e convida a sentarmo-nos nuns bancos rústicos, a que não falta a mesa, para ali se saborear uma boa merenda.

As casas onde dormem são pequenas e modestíssimas. Ao lado está a pequena capela onde tem apenas como ornamento uma Cruz com Jesus Cristo Crucificado. Tudo é pobre e singelo, mas asseado. Não falta um pequeno canteiro onde os cravos rubros emprestam uma nota alegre e sugestiva. Quatro rapazes brancos e um negroito, gordos e corados, mostram a sua alegria e contentamento, por um futuro melhor a que todo o filho de Deus tem direito».

«Queridos gaiatos amigos de todos os pobres como eu com emença tristeza por só ser eu que desta freguesia sou assinante não é por falta de eu não espalhar os meus jornaizitos mas como digo sou pobre e aos pobres ninguém liga. Portanto envio a minha cota do ano corrente.

Muito e muito obrigado por nunca faltarem com o jornal e até ao ano se Deus quiser.

As benções de Deus caia sobre os amigos gaiatos».

«Chamo-me A. F. S., ando no 4.º ano liceal e sou assinante do «Gaiato».

Venho por este meio entregar já algum dinheiro (7\$50) para pagar os jornais que já recebi».

«Vivo actualmente em França, na morada indicada. Peço desculpa do atraso no pagamento, mas há um ano que não tenho tido morada certa, pois trabalho um mês num lado outro noutro; por agora conto ficar por aqui. Agradeia-me enviasse o Gaiato para aqui pois é um jornal que sempre apreciei e sinto bastante a sua falta.

Junto um abraço aos meus agradecimentos e votos das maiores felicidades para a Obra do Saudoso Pai Américo que é a vossa, e de todos os bons portugueses».

CANTINHO DE MALANJE

Cont. da SEGUNDA página

e daí virem até cá com as suas lembranças.

Os nossos trabalhos continuam e as experiências agrícolas sucedem-se e graças a Deus não nos têm saído muito mal! O tabaco é que deu fiasco.

Os domingos, até ver, são passados, ora na cidade, ora na fazenda. Os domingos que não são de venda do jornal os rapazes da quinta sempre que quiserem vêm para o Lar. E nos outros, passamo-los todos na nossa verdadeira Casa.

Ultimamente os que gostam de futebol têm ido até à sanzala de Camisais, que é relativamente perto, dar um jeito ao pé, juntamente com os habitantes da mesma. Damo-nos muito bem. Somos amigos. Mas o pior é que a rapaziada dá cabo da cabeça ao Sr. P. e Telmo por via de uma bola de futebol! Ele diz que a compra quando o campo estiver pronto. Mesmo com a ajuda dos habitantes das sanzalas mais próximas, que se comprometeram a ajudar-nos a desbaratar o mesmo, quando é que o campo será? Portanto, bons amigos, os gaiatos do Culamuxito têm confiança em vós. Está bem? É que nos custa muito gastarmos na bola o que nos faz jeito para pão.

Uma família amiga deu-nos um barco para nos distrairmos na lagoa e até já me zumbiu aos ouvidos que um senhor que esteve cá num dos últimos domingos, nos ia oferecer outro. Quem dera! Pelo menos para os dias de descanso fazia muito jeito, não só para nós como para quem nos visita, pois toda a gente gosta de dar uma voltinha de caíque.

Ainda neste último domingo foi uma alegria vermos as margens da nossa lagoa, agora mais limpas e até com mesas, repletas de visitantes. Até nós viemos para a margem saborear as nossas papinhas e guisado de batata, que nos soube pela vida, até porque já eram da nossa lavra!

Venham, bons amigos. Venham ver o esforço do nosso trabalho, as nossas sementeiros e plantações. Venham gozar a natureza neste cantinho de paz, sossego e alegria.

Areias do Cavaco

Sábado da Paixão. Não tenho sofrido nada. Não sei nem importa saber o que o Pai do Céu nos terá reservado. Até agora não tenho sofrido nada. Tencionava levar os rapazes a participar nas

cerimónias da Semana Santa na Igreja paroquial, a começar com o Domingo de Ramos, mas não o faço por falta de transporte. Vou ajudar no Domingo de Ramos a Catumbela. Nos outros dias vou ajudar o Sr. Padre Galhano.

Até hoje não nos tem faltado o necessário. Temos levado uma vida pobre. Só o que é necessário e com critério. Por exemplo, há muitas semanas que não bebemos em casa uma «Cuca» ou «Nocal». Vamos ver se nos desforramos nesta quadra da Páscoa.

Acho que é mais fácil educar na pobreza, do que na abundância. Os rapazes continuam bem. De vez em quando há um «estirão» e ainda bem. Os estudantes têm feito uma manhã de trabalho agrícola e a tarde de estudo.

Notícias frescas: a carrinha já chegou. É boa. Já levei os 60 rapazes nela e foram à maravilha. Ontem, 5.ª Feira Santa, foi a nossa Comunhão pas-

cal. Confessaram-se e comungaram todos, alguns deles pela primeira vez. Todos muito felizes e nós também.

Domingo do Bom-Pastor. Um dia pleno de boa disposição. Pastor e ovelhas, muito unidos neste dia, em nossa casa. Até houve um ar de festa, ao almoço, sem eu saber: amêndoas e um cálice de champagne para cada um. De manhã, após a missa e pequeno almoço, um desafio de futebol. Eu fui árbitro. Já se sabe: o jogo não chegou ao fim porque os ânimos se exaltaram. A natureza é a mesma em toda a parte. Fomos à pesca ao camarão, no rio Cavaco. Apesar do grande esforço dos nossos pescadores, os resultados foram diminutos. Ainda comi um camarão. O resto ficou para isca para a nossa pesca da tarde, na Caota, donde lhe estou a escrever.

Continua na QUARTA página



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

Festas — Elas estão sempre a aparecer.

Temos ainda presente o Avenida quase repleto. Foi um colosso. Alguém dizia: «Foi um encanto a vossa festa... porque não repetem?» Perguntamos: A quem compete isso? Não depende de nós, mas do público. Olhem o Porto. O Coliseu leva duas vezes o Avenida; lá repetiu-se. Mais: de ambas as vezes, não foi um quase repleto, mas um repleto, a quase não se poder respirar... Assim se portasse Coimbra e nós repetiríamos. Triplificaríamos, se preciso fosse.

Mas as festas continuam. São os casados, nos aniversários deles e dos filhos. Ai vamos nós a casa deles. Há sempre alguma coisa que distingue o dia. Começou há tempos pelo Machado, depois Humberto. Este agora rejubila de alegria pela presença de um segundo rebento. Foi uma filhinha. E assim o nosso casal, Preciosa e Humberto, ficaram também com o seu casalinho João Carlos e Maria João.

No dia 17 foi festa em casa do João, pelo aniversário do seu filho João José. Às 5 da tarde lá estávamos. Era um nunca mais acabar de coisas boas... A Isilda percebe umas coisas daquilo. Sabe adoçar o bico à gente. Acho que o melhor é arranjarem mais aniversários...

A todos o nosso muito obrigado. É que assim provam que realmente a saída deles não foi um afastamento mas uma vida continuada de união, de amizade gaiata, um testemunho vivo do valor da nossa vida familiar.

Joaquim



O filho do Humberto

PAÇO DE SOUSA

Finalmente, depois de tanta ansiedade, chegou o nosso querido Quim Carpinteiro. Recebemo-lo com manifestações de apreço e simpatia, que por ele tínhamos.

Quim sempre foi, e continua a ser, um dos grandes esteios da Obra da Rua. Conhecedor profundo dos problemas de cada um, sempre procurou na medida das suas possibilidades, ajudar e fazer crer que para a frente é o caminho. Não houve festa. Nem foguetes.



O filho do João Hingá

Houve, sim, uma pequena reunião entre os mais velhos, na presença do Snr. P.e Carlos e Snr. P.e Zé Maria. Reunião íntima e familiar que vou procurar descrever para que todos façam uma pequena ideia do amor que temos ao Quim.

Após o tempo, onde agradecemos ao Senhor o seu feliz regresso, fomos para a sala de jogos dos maiores, que serviu para a pequena mas íntima reunião familiar.

«Estou muito contente por termos o Quim novamente junto de nós», disse o Júlio da Silva em nome dos electricistas. «Eu, Zé Pacóvio, como carpinteiro mais velho na oficina, quero dizer a todos que estou muito satisfeito pelo regresso do Quim. Sempre sentimos a sua falta. Agora que regressou à casa paterna, nada mais me resta do que dar-lhe um grande abraço em nome de todos os carpinteiros».

De todos que falaram, queremos salientar o Américo dos Santos que dirigindo a palavra a toda a malta disse: «A medida em que nos damos, é a medida que somos queridos. O Quim é um exemplo do que estou afirmando. Eu, quando fui eleito chefe maior, procurei ser um pouco o Quim. Se fui ou não, não me compete a mim julgar».

A forte pressão que se fez sentir sobre o Snr. P.e Zé Maria, fez com que se levantasse e dissesse algumas palavras: «Não estava cá em Paço de Sousa quando o Quim partiu. Por isso, ao vê-lo hoje, senti uma alegria muito grande. O Quim não era só Quim em Paço de Sousa. Era aqui, era em Lisboa, era em toda a parte. Agora que vem para ficar na Obra, conto com ele para o que for preciso».

Como não podia deixar de ser falou o Quim dizendo: «Para mim não podia haver melhor recepção do que esta reunião familiar. Podeis crer que estou bastante sensibilizado com tudo isto. Os meus agradecimentos a todos pela vossa prova de amizade».

Nada tens a agradecer amigo Quim! Isto é mais uma prova de que mereces o nosso carinho, a nossa amizade e o nosso reconhecimento pelo bem que a todos fizeste! Não tomes a mal de te dizer isto. Mas na verdade é o que todos sentimos por ti!

Fausto Teixeira

Lar do Porto

— Desde na cerca de mês e pouco os patins deixaram de rolar cá em casa.

Havia um só par e como já estava quase na última tiveram o seu fim que era inevitável. Desde então o rink tem-se destinado ao futebol, mas até o futebol tem de ser cuidadoso, não vá a bola cair nas culturas e venha a Senhora... guardá-la! — o que já várias vezes aconteceu.

É de todos conhecido que a rapaziada ferve pela bola e também não é difícil calcular o que é ficar sem ela!

A Senhora tem razão. «O esférico não deve pular a rede, se não é preso». Por isso, para atender aos nossos pés, requerentes de agilidade, agradecemos a vossa atenção quanto ao envio de patins — e assim dar-nos-iam imensa alegria.

— Recebemos várias obras de literatura, entre elas algumas bastante

ricas para a nossa cultura. Agradecemos muito contentes a quem teve a amabilidade de no-las oferecer.

Não falta também o Senhor Francisco de Vasconcelos com o peso do costume.

Flores lindas, que se destinam à capela e jarras da Casa, também recebemos, e juntamente, lindas laranjas e mais fruta que amigos do Bolhão nunca cessam de mandar. Assim é que é!

Orlando

Areias do Cavaco

Cont. da TERCEIRA página

Caota, 3h. da tarde. Dia de sol estupendo. A casa veio em peso até ao mar. O «Mineiro» ficou de piquete. Na parte da manhã aproveitei para ir ver os Pobres do bairro do Cavaco. Eles gostam de nos ver. Convidam-nos a entrar nas suas palhotas. E entramos mesmo. Nunca vou só. Um magote de pequenos acompanha-me sempre. É a preparação ambiental para a fundação de uma Conferência de S. Vicente de Paulo. Um mundo de problemas. A gente não sabe por nem como fazer para levantar esta pobre gente. Tão inferior. Um estilo de vida tão rudimentar. Será que eles nem sequer dão por isso? Alguns, talvez. Outros desejam viver melhor. Quaisquer soluções têm de ser estudadas para não fracassarem.

Não há, no geral, família constituída. Vemos um caminho que, a segui-lo, nos levaria a resultados positivos por certo: Olhar por esta geração nova já que as outras, com seus hábitos tão enraizados, dificilmente se levantarão donde estão.

Também neste aspecto poderemos fazer alguma coisa. Lá que não há oficinas nem nada para esta gente, mais tarde talvez pudéssemos facilitar-lhes a preparação para a vida, abrindo-lhes as nossas portas.

Era um meio de penetrarmos no seio deles. Vou tentar fazer visitas regulares às sanzalas. Ir a casa deles produz efeitos consoladores.

4.º Domingo, depois da Páscoa. «Cantate...» foi a nota dominante deste dia. Muita ale-

ORDINS

Hoje não resisto à tentação de contar aos nossos Amigos uma das muitas alegrias que sinto, quando visito os pobres ou doentes. Foi no domingo passado. Soube que uma mulher com 82 anos, foi encontrada inanimada no campo, junto de um gigo de erva, que certamente cortava para os animais que tinha em casa. Esteve 8 dias em estado de coma. Não falava, não via, mas ouvia. As vizinhas não mais a abandonaram. E que faziam ela junto duma moribunda?... Apenas isto. Rezavam constantemente, e foi assim que eu as fui encontrar. Não perturbei a oração; associei-me também a ela, e por fim dei graças a Deus por haver ainda neste mundo, tão cheio de egoísmo e preconceitos, esta caridade espiritual, para com uma Irmã prestes a deixar esta vida, e entrar na Paz do Senhor, onde Ele decerto não se esquecerá de pedir a Deus por quem a ajudou a bem morrer. Sim! porque nós acreditamos na Comunicação dos Santos.

Encomendas enviadas: Lisboa, 1 chale e 1 echarpe. «Desculpe ser uma encomenda tão pequena, mas se todos ajudas-

sem... Há tempos mandei vir de Ordins, 2 chales que me satisfizeram, queiram mandar mais 2». E lá foram para as Vicentinas dos Açores. Se todas as Conferências agasalhassem os seus Pobres, com os nossos chales e camisolas... que quentinhos andariam!... «Com os meus cumprimentos, venho pedir um cobertor, não peço medidas, nem tamanho, como é para ajudar a Obra, aceite o que vier». Foi uma manta na vez de cobertor, e diz ainda: «não sou rica, e tenho encargos de família». Ó! Senhor, é destes sacrifícios que a Obra vive. Com votos de Páscoa feliz vieram de Guimarães 108\$00. De Lisboa 50\$00 com o desejo de ver concluído o poço. Sim, minha Senhora, já está pronto. Foi uma empresa arriscada em que me meti, mas com a graça de Deus, e as vossas ajudas, tornou-se uma realidade, da qual beneficiam também os vizinhos mais próximos. Um muito obrigado a todos. «Não faço ideia como são os vossos trabalhos, no entanto vou fazer uma pequena encomenda: 1 chale, uma capa, e meia dúzia de pegas», que foram para a Covilhã.

M. A.

gria, muito boa disposição em todos nós. Passámos o dia todo na Caota, onde comemos o almoço que levámos de Casa.

Só ficou o Almerindo, de piquete, e os cães e os gatos e mais ninguém. Logo após a Missa e obrigações arrumadas, aí vamos nós, na «Mercedes» carregada até mais não. Benguela viu-nos passar e alegrou-se. A polícia faz-nos paragem. Ainda não nos conhecem bem, mas vão-nos conhecendo! E continuamos. Nunca vi o mar tão lindo! Não há mar mais lindo que o de Angola! O céu sem nuvens e o sol quente. Tudo salta para a água. Sabe tão bem, a esta hora, um banho no mar! Todos riem, saltam de alegria; todos querem a repetição. Quinzenalmente vamos passar o dia na praia. Faz-lhes tão bem! Os nossos pescadores fartaram-se de pescar à linha e eu de gozar com eles. Hei-de mandar-lhe fotografias.

Antes de sairmos de casa aviámos a mulher do Sebastião dos precisos, para que não passem fome. A minha vida tem sido um rodopio. Estou a fazer quase 2.500 quilómetros por mês, só por Benguela e uma outra ida ao Lobito. O Toininho vai começar no princípio de Maio a tirar a carta. Mas o Pai do Céu tem-me dado tão boa disposição! Sou o mais optimista da Casa! Creio que não há melhores rapazes que estes! Irão sair alguns no fim do ano lectivo, porque os pais os vêm buscar. Que bom! Haverá camas para os que são verdadeiramente nossos.

Nota da Redacção:

P.e Manuel falhou esta quinzena com o seu original. Que bom! Há semanas que andava desejando esta falta para poder repartir as minhas delícias semanais, feitas com as cartas dos nossos de África.

Visado pela

Comissão de Censura

